

IGREJA APOSTÓLICA ORTODOXA DA AMÉRICA

OS CAMINHOS DA VIDA ESPIRITUAL ORTODOXA

CARTILHA I

O ESPÍRITO SANTO NA VIDA CRISTÃ

A presença divina, os dons espirituais e a santificação da pessoa humana

Formação espiritual e teológica para catequistas, ministros, professores e candidatos às ordens sagradas.

Na fé dos Apóstolos, no amor de Cristo.

Edição de estudo • 2026 • www.iaoa.com.br

Apresentação e objetivos de formação

Esta cartilha inaugura a coleção *Os Caminhos da Vida Espiritual Ortodoxa*. Pressupõe a leitura introdutória do Credo Niceno-Constantinopolitano e oferece um aprofundamento destinado a quem ensinará, acompanhará ou servirá outras pessoas na Igreja. Não basta reunir conceitos corretos: a formação de um ministro exige oração, inteligência da fé, disciplina interior e maturidade ética.

Nosso tema é o Espírito Santo, Senhor que dá a vida. Trataremos de sua divindade, de sua ação na história da salvação, de sua presença na liturgia e nos sacramentos, dos carismas, do discernimento e do amadurecimento das virtudes. A linguagem será acessível, mas os conceitos serão tratados sem reduzir os mistérios a fórmulas simplistas.

Ao concluir o estudo, espera-se que o leitor saiba expor a fé trinitária sem confundir as Pessoas divinas; interpretar os principais textos bíblicos em seu contexto; distinguir graça de emoção religiosa; avaliar carismas pelos seus frutos; compreender a sinergia entre graça e liberdade; e aplicar critérios seguros no serviço catequético e pastoral.

“Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, que procede do Pai, e com o Pai e o Filho é juntamente adorado e glorificado; que falou pelos profetas.” — Credo Niceno-Constantinopolitano.

1. O Espírito Santo: Pessoa divina, não energia impessoal

A fé ortodoxa confessa um só Deus em três Pessoas — Pai, Filho e Espírito Santo — sem divisão da divindade e sem confusão entre elas. O Espírito Santo não é uma força anônima, uma vibração do universo ou o nome poético de um sentimento intenso. É verdadeiramente Deus, pessoal e vivo, digno da mesma adoração prestada ao Pai e ao Filho.

O Evangelho de João chama-o de Paráclito, termo associado ao Consolador, Defensor e Aquele que vem em auxílio (Jo 14,16-17.26; 15,26; 16,13). O Espírito ensina, recorda as palavras de Cristo e conduz à verdade. Em Atos 5,3-4, mentir ao Espírito Santo é apresentado como mentir a Deus. Em 1Coríntios 12,11, ele distribui dons conforme sua vontade.

Dizer que o Espírito é Pessoa divina não significa imaginá-lo como um indivíduo humano ampliado. O vocabulário teológico procura indicar uma realidade pessoal eterna que ultrapassa nossas categorias. São Basílio Magno, em *Sobre o Espírito Santo*, mostra que o Espírito participa da glória e da operação divina, sendo inseparável do Pai e do Filho na santificação.

A procedência do Espírito e a linguagem do Credo

O Credo de 381 afirma que o Espírito "procede do Pai", em consonância com João 15,26. A teologia ortodoxa preserva essa redação, sem o acréscimo latino *Filioque*. A procedência eterna do Espírito deve ser distinguida de sua missão histórica: o Pai envia o Espírito em nome do Filho (Jo 14,26), e Cristo ressuscitado comunica o Espírito aos discípulos (Jo 20,22).

Essa distinção evita que diferentes expressões bíblicas sejam transformadas em contradição. Também recorda que o mistério trinitário não cabe inteiramente em esquemas racionais. O catequista deve expor com precisão aquilo que a Igreja professa, reconhecer o limite das analogias e rejeitar qualquer linguagem que subordinaria o Espírito ao Pai ou ao Filho.

2. O Espírito na criação e na história da salvação

Gênesis 1,2 apresenta o Espírito de Deus sobre as águas na narrativa da criação. A linguagem bíblica fala da ação criadora e vivificante de Deus; não oferece um tratado de cosmologia física. O Salmo 103(104),30 associa o envio do Espírito à renovação da face da terra. A criação e a providência são ações do único Deus, nunca tarefas repartidas entre três deuses.

Nas Escrituras de Israel, o Espírito capacita pessoas para missões determinadas, sustenta a palavra profética e alimenta a esperança de uma renovação interior (Ez

36,26-27; Jl 3,1-2 na numeração de algumas Bíblias, ou Jl 2,28-29 em outras). No Novo Testamento, a promessa se cumpre de maneira decisiva na vida, morte e Ressurreição de Cristo.

A Encarnação ocorre pela ação do Espírito Santo (Lc 1,35); no Batismo do Senhor, o Espírito manifesta-se sob forma de pomba (Mt 3,16-17); Jesus anuncia o Espírito no início de sua missão (Lc 4,18). A vida trinitária é revelada na economia da salvação: tudo provém do Pai, pelo Filho, no Espírito Santo — linguagem litúrgica que não dissolve a unidade da ação divina.

3. Pentecostes e a missão da Igreja

Atos 2 narra que os discípulos, reunidos em Jerusalém, foram fortalecidos pelo Espírito para anunciar a Boa-Nova a povos de diferentes línguas. As imagens de vento e línguas como de fogo evocam iniciativa divina, purificação e comunicação. Pentecostes não é um espetáculo para admirar: é um acontecimento missionário que transforma pessoas temerosas em testemunhas de Cristo.

A Igreja nasce da obra de Cristo e torna-se publicamente missionária pela efusão do Espírito; por isso, é inadequado reduzir sua origem a um único instante histórico. A comunhão apostólica, a fração do pão, o ensino e a oração (At 2,42) fazem parte da mesma realidade. Onde os carismas são separados da Eucaristia, da verdade apostólica e da caridade, perde-se o horizonte eclesial.

Para as Igrejas locais dos povos americanos, Pentecostes ensina que unidade não significa uniformidade linguística ou cultural. A mesma fé pode ser proclamada em línguas diferentes, desde que seu conteúdo não seja alterado. O Espírito edifica comunhão entre povos, supera exclusões e sustenta uma missão enraizada nas realidades concretas das comunidades.

4. O Espírito Santo e a vida sacramental

A liturgia ortodoxa é profundamente pneumatológica: o Espírito Santo não aparece apenas na narrativa de Pentecostes, mas na oração de toda a Igreja. A invocação do Espírito, chamada *epiclese*, ocupa lugar particularmente significativo na anáfora eucarística. A Igreja pede ao Pai que envie seu Santo Espírito sobre a assembleia e sobre os dons oferecidos, para sua santificação.

O Batismo insere a pessoa na morte e Ressurreição de Cristo (Rm 6,3-4); a Crisma, na tradição bizantina, manifesta sacramentalmente o selo do dom do Espírito Santo. Não se deve tratar essa iniciação como um certificado de perfeição automática: o batizado é chamado a cooperar livremente com a graça, na comunhão da Igreja.

Na confissão, na bênção, no matrimônio, na ordenação e na oração pelos enfermos, a Igreja invoca a ação santificadora de Deus. A eficácia espiritual não depende da intensidade da voz do celebrante nem de sua capacidade de produzir emoção. Igualmente, nenhuma bênção legitima negligenciar a medicina, suprimir o consentimento ou pressionar alguém

a declarar uma experiência extraordinária.

Epiclese e formação ministerial

O candidato às ordens sagradas deve compreender as orações litúrgicas que pronuncia e a diferença entre sua função ministerial e a ação de Deus. O ministro serve aos mistérios; não possui o Espírito Santo como propriedade privada. A ordenação não dispensa o estudo, a responsabilidade moral, a prestação de contas nem a correção fraterna.

5. Graça, liberdade e sinergia

Na tradição ortodoxa, a santificação é dom gratuito de Deus e requer uma resposta humana real. A palavra *sinergia* designa essa cooperação, sem sugerir que o ser humano possa comprar a graça com méritos ou produzir a salvação por suas próprias forças. “Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar”, ensina Filipenses 2,13; e, ao mesmo tempo, o apóstolo convoca os cristãos a viverem responsavelmente (Fl 2,12).

O Espírito não destrói a liberdade: cura-a e orienta-a. A oração, a participação sacramental, o arrependimento, o jejum discernido e as obras de misericórdia não controlam Deus; são modos pelos quais a pessoa se abre à graça e aprende a viver de forma coerente com o Evangelho.

O fruto dessa cooperação aparece em decisões concretas: reconhecer o próprio erro, abandonar uma prática injusta, pedir perdão, proteger quem sofre, partilhar recursos e

resistir à tentação de manipular os outros. Uma suposta iluminação que conduz à arrogância e ao desprezo do próximo contradiz a direção evangélica da vida no Espírito.

6. Dons, carismas e frutos: distinções necessárias

Em 1Coríntios 12, Paulo descreve uma diversidade de carismas para o bem comum: sabedoria, conhecimento, fé, curas, profecia, discernimento e línguas, entre outros. Não são marcas de superioridade. O mesmo apóstolo situa o amor no centro da vida comunitária (1Cor 13) e exige ordem, inteligibilidade e edificação nas assembleias (1Cor 14).

Já Gálatas 5,22-23 apresenta os frutos do Espírito: amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio, conforme a tradução bíblica. Esses frutos oferecem um critério mais estável de maturidade do que a intensidade momentânea de uma experiência.

Carismas não são privilégios de uma elite, nem substituem o ministério ordenado e o discernimento eclesial. O Espírito distribui dons para servir, não para criar dependência pessoal em torno de um líder. A comunidade deve perguntar: este dom fortalece a oração, a verdade e o cuidado dos vulneráveis? Respeita a consciência e a liberdade? Há frutos verificáveis com o passar do tempo?

Experiências religiosas e prudência

Lágrimas, emoção intensa, imagens interiores ou sensações corporais podem acompanhar a oração; isoladamente, porém, não demonstram uma origem divina. Tampouco uma pessoa que não vivencia tais fenômenos deve ser considerada menos crente. Sintomas persistentes de sofrimento psíquico requerem avaliação profissional, e práticas pastorais não devem substituir esse cuidado.

O ensino de 1João 4,1 — examinar os espíritos — é uma convocação ao discernimento. Não se deve atribuir automaticamente doenças, conflitos familiares ou sofrimento mental à ação de espíritos malignos. Uma comunidade madura distingue oração, aconselhamento, cuidado clínico e encaminhamento responsável.

7. São Basílio Magno: o Espírito e a santificação

No tratado *Sobre o Espírito Santo*, São Basílio Magno defende a glória divina do Espírito e descreve sua ação santificadora. O Espírito não é um ser criado elevado acima de outros seres; é inseparável da comunhão divina e da vida da Igreja. A doxologia e a experiência litúrgica participam da argumentação teológica do santo.

A contribuição de São Basílio é especialmente valiosa para formar catequistas: aquilo que a Igreja reza deve ser estudado com a mesma seriedade com que se estudam as fórmulas dogmáticas. A fé não é uma opinião particular sobre Deus; é uma vida eclesial confessada, celebrada e

testemunhada.

Para o futuro ministro, a lição é dupla: conhecer a linguagem trinitária com precisão e evitar a tentação de transformar a pessoa do Espírito em um recurso retórico para validar preferências individuais.

8. São Gregório Nazianzeno: amadurecimento da compreensão da fé

Em suas *Orações Teológicas*, especialmente a quinta, dedicada ao Espírito Santo (Oração 31), São Gregório Nazianzeno trata da divindade do Espírito e do modo como a revelação divina conduziu progressivamente o povo de Deus à compreensão mais explícita do mistério trinitário. O desenvolvimento da linguagem da Igreja não significa invenção tardia de uma nova divindade, mas esforço para confessar fielmente o que foi recebido.

Essa perspectiva oferece um princípio pedagógico importante: a profundidade não exige obscuridade. Um bom professor começa pelo que o aluno já compreende, expõe os termos com paciência e reconhece que a realidade de Deus ultrapassa todas as definições humanas. O mistério não autoriza a confusão; convida à humildade do pensamento.

9. São Máximo, o Confessor: transformação da vontade

Na espiritualidade de São Máximo, o Confessor, a vida cristã tem caráter profundamente transformador: as faculdades naturais da pessoa são orientadas para seu fim verdadeiro, a comunhão com Deus no amor. A graça não apaga a natureza humana; conduz à sua realização em Cristo. Essa visão ilumina a cura das paixões: não se trata de eliminar os afetos, mas de libertá-los do egoísmo e de orientá-los ao bem.

O Espírito Santo torna possível uma vida em que oração e ação deixam de competir. Aquele que se aproxima da Eucaristia é chamado a reconhecer Cristo também no irmão necessitado. A contemplação autêntica não dispensa a justiça, a honestidade e o trabalho responsável.

Nesse contexto, a *theosis*, ou deificação, significa participação na vida divina por graça e comunhão, jamais transformação da criatura na essência incriada de Deus. É horizonte de santificação, não título de superioridade espiritual.

10. São Serafim de Sarov: a aquisição do Espírito Santo

A tradição espiritual vinculada à conversa de São Serafim de Sarov com Nikolai Motovilov apresenta como finalidade da vida cristã a aquisição do Espírito Santo. A expressão não significa apropriar-se de Deus como de um objeto; indica acolher e conservar, pela graça, a comunhão com o Espírito em uma existência de fé, oração e caridade.

As narrativas associadas a esse encontro têm história textual própria e devem ser lidas com discernimento histórico e espiritual, sem que cada detalhe seja convertido em norma universal de experiência. O núcleo pastoral permanece fecundo: orações, jejuns e obras de bem não são fins autossuficientes; orientam a pessoa para a vida em Cristo pelo Espírito.

Para catequistas, convém evitar duas distorções: reduzir o ensinamento a uma técnica para produzir estados de êxtase ou usá-lo para desvalorizar os deveres familiares e profissionais. Adquirir o Espírito é crescer em comunhão e amor, vivendo a fé com coerência.

11. Oração do coração, silêncio e sobriedade

A invocação “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tem piedade de mim” pertence à tradição da Oração de Jesus. A atenção interior pode ajudar o fiel a recolher pensamentos dispersos e a permanecer diante de Deus com humildade. Contudo, o valor da oração está no encontro pessoal com Cristo, não no domínio de uma técnica respiratória ou na busca de sensações extraordinárias.

Iniciantes devem privilegiar regularidade, simplicidade e integração à vida sacramental. Práticas intensas de respiração, prolongadas vigílias e ascese rigorosa não são exercícios universais, especialmente para pessoas com problemas de saúde ou sofrimento psicológico. O acompanhamento espiritual prudente ajuda a encontrar um caminho adequado.

O silêncio cristão não é fuga do mundo. Ele educa a palavra, permite escutar quem sofre e reduz a reação impulsiva. Em uma cultura de notificações constantes e exposição digital, reservar alguns minutos para a oração e para um exame sereno da consciência pode ser um ato concreto de liberdade.

12. Discernimento: sinais de autenticidade e riscos

São João Clímaco e outros autores ascéticos insistem na humildade, na sobriedade e no discernimento dos pensamentos. A experiência espiritual deve ser examinada pelos frutos e pela conformidade com o Evangelho e a vida da Igreja. Experiências privadas não têm autoridade para revogar o Credo, dispensar a moral cristã ou ordenar violações de direitos.

São sinais de alerta: promessa de cura garantida; cobrança por manifestações espirituais; exigência de segredo sobre abuso; isolamento da família e de profissionais de saúde; obediência cega a um líder; uso de profecias para controlar dinheiro, sexualidade ou decisões pessoais. Nessas situações, é necessário interromper a prática abusiva, proteger a pessoa afetada e recorrer às instâncias competentes.

O diretor espiritual não é proprietário da consciência alheia. Seu serviço é ajudar a pessoa a responder livremente a Deus. A formação ministerial exige limites claros, respeito ao foro íntimo, confidencialidade responsável e compreensão dos deveres civis de proteção e comunicação quando aplicáveis.

13. O Espírito Santo na cultura e na missão contemporânea

O mesmo Espírito que fortaleceu a proclamação apostólica continua a convocar a Igreja à missão em todos os povos. Isso exige preparação teológica, escuta das culturas e linguagem compreensível. A fidelidade não deve ser confundida com a reprodução obrigatória de costumes étnicos particulares; tampouco a inculturação autoriza modificar o conteúdo da fé trinitária e cristológica.

Para os jovens e adultos do século XXI, o testemunho deve alcançar as redes sociais, o trabalho, as relações familiares, a universidade e o cuidado com o planeta. Antes de compartilhar conteúdo religioso, o cristão deve verificar informações, respeitar quem discorda e evitar transformar a fé em hostilidade. A tecnologia pode servir à catequese, mas não substitui uma comunidade real de oração e responsabilidade.

Uma Igreja viva não prova a ação do Espírito pelo tamanho de sua audiência digital, mas pela qualidade de suas relações: acolhimento, justiça, serviço, ensino fiel, vida sacramental e cuidado daqueles que mais necessitam.

14. O Espírito Santo e o caráter do ministro

Os candidatos às ordens sagradas precisam reconhecer que competência litúrgica e cultura teológica não bastam sem integridade moral. O fruto do Espírito deve alcançar a maneira de administrar recursos, ouvir confissões, aconselhar famílias, resolver conflitos e exercer autoridade. A mansidão não é fraqueza; a firmeza doutrinária não dá licença à humilhação.

No aconselhamento pastoral, distinguir entre pecado, luto, trauma, transtorno psicológico e doença física evita danos. Há situações que pedem oração e direção espiritual; outras exigem também apoio médico, psicológico, jurídico e proteção social. O ministro responsável reconhece seus limites, encaminha quando necessário e não promete resultados que não controla.

A comunidade tem direito a mecanismos de proteção, canais de denúncia, transparência financeira e prestação de contas. A alegação de inspiração espiritual não dispensa o cumprimento das normas canônicas e civis. Uma liderança verdadeiramente pneumática inspira confiança porque serve, não porque exige veneração pessoal.

15. Um caminho prático de amadurecimento espiritual

Cinco exercícios para quatro semanas

Primeira semana — atenção e oração. Ler João 14–16 em pequenos trechos; reservar um momento diário de oração; escrever uma frase sobre o que significa acolher a verdade com humildade. Evitar transformar o exercício em cobrança de resultados emocionais.

Segunda semana — frutos do Espírito. Ler Gálatas 5,13-26; escolher uma atitude concreta de paciência, mansidão ou domínio próprio; observar o impacto dessa decisão em uma relação familiar ou profissional.

Terceira semana — comunhão e serviço. Ler Atos 2,42-47 e 1Coríntios 12–13; participar conscientemente da vida litúrgica; prestar um serviço discreto a alguém sem divulgar o gesto nas redes sociais.

Quarta semana — discernimento e missão. Ler 1João 4,1-6; avaliar uma informação ou proposta religiosa segundo Escritura, fé eclesial, frutos e proteção das pessoas; dialogar com um orientador confiável sobre dúvidas reais.

Esses exercícios não são uma graduação de santidade nem substituem os ritmos sacramentais e espirituais estabelecidos pela Igreja. Servem de roteiro de aprendizagem, a ser adaptado à condição de vida de cada participante.

16. Estudos de caso para encontros de formação

Caso A — a promessa de uma cura. Um líder declara que um fiel será curado se abandonar o tratamento médico. Como responder a partir da compreensão ortodoxa da graça e do dever de cuidado? Que providências práticas protegem a pessoa?

Caso B — o carisma e a autoridade. Um membro afirma ter recebido do Espírito instruções que dispensam a comunidade do ensinamento apostólico e da supervisão eclesial. Quais critérios de discernimento devem ser aplicados?

Caso C — a comunidade digital. Uma página religiosa cresce ao divulgar mensagens sensacionalistas sobre castigos e profecias. Como preservar a esperança cristã, a verdade e a responsabilidade comunicativa?

Caso D — cansaço no ministério. Um catequista considera a própria exaustão prova de falta de fé e teme pedir ajuda. Como integrar oração, descanso, acompanhamento e responsabilidade?

Caso E — diversidade cultural. Uma comunidade reúne fiéis de diferentes países e idiomas. Como manter a mesma fé e vida litúrgica, com respeito às expressões culturais legítimas de cada povo?

17. Questões de aprofundamento com respostas orientadoras

1. Por que o Espírito Santo é confessado como Deus? Porque a Escritura lhe atribui ação pessoal e divina, e a Igreja o glorifica inseparavelmente com o Pai e o Filho; não é criatura nem força impessoal.

2. O que significa "procede do Pai"? É a fórmula do Credo referente à relação eterna do Espírito com o Pai, distinta da missão histórica do Espírito na Igreja.

3. O que Pentecostes revela sobre a missão? Revela a força do Espírito para o testemunho de Cristo, a comunhão apostólica e o anúncio da mesma fé a diferentes povos e línguas.

4. O que é a epiclese? É a invocação do Espírito Santo na oração litúrgica, especialmente significativa na anáfora eucarística.

5. Graça e liberdade são adversárias? Não. Na sinergia, a graça toma a iniciativa e a pessoa coopera livremente, sem produzir por si a própria salvação.

6. Qual a diferença entre dons e frutos do Espírito? Os dons servem à edificação da comunidade; os frutos manifestam a maturidade da vida segundo o Espírito, especialmente o amor e as demais virtudes.

7. Como discernir uma experiência espiritual? Examinando-a à luz do Evangelho, da fé eclesial, dos frutos, da humildade, da razão prática e do respeito à dignidade humana.

8. O que significa a "aquisição do Espírito" em São Serafim? É o aprofundamento da comunhão com o Espírito pela graça, expresso na transformação da vida; não é posse ou controle de Deus.

9. Qual é o vínculo entre oração e justiça? A oração autêntica amadurece em caridade, honestidade, cuidado dos vulneráveis e responsabilidade com o próximo.

10. Que atitude se espera de um futuro ministro? Fidelidade doutrinária, humildade, preparo, transparência, cuidado pastoral seguro, respeito à liberdade e disposição para servir.

18. Síntese doutrinária e compromisso pastoral

Confessamos o Espírito Santo como Senhor que dá a vida, Deus com o Pai e o Filho, procedente do Pai, presente na criação e ativo na história da salvação. Ele fortalece o anúncio apostólico, santifica a Igreja e conduz os fiéis à comunhão com Cristo. Sua ação não é propriedade de ministros, movimentos ou indivíduos.

A medida evangélica do amadurecimento espiritual não é a sensação de poder, mas o crescimento na verdade, no amor e na responsabilidade. Para quem ensinará ou servirá a Igreja, essa conclusão deve tornar-se compromisso: formar consciências, respeitar a liberdade, cultivar a oração e proteger sempre a dignidade humana.

Oração final

Ó Espírito Santo, Senhor que dás a vida, ilumina nossa inteligência para compreender a fé dos Apóstolos; purifica nossos pensamentos e fortalece nossa liberdade para escolher o bem. Ensina-nos a servir sem orgulho, a orientar sem dominar, a corrigir com mansidão e a anunciar Jesus Cristo com verdade e misericórdia. Sustenta os catequistas, ministros, professores e candidatos às ordens sagradas; faze de nossas comunidades lugares de oração, justiça, fraternidade e paz. Ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo, sejam a glória e o louvor pelos séculos dos séculos. Amém.

Referências bíblicas e patrísticas para estudo

• Sagrada Escritura: Gn 1,1-2; Sl 103(104),29-30; Ez 36,25-27; Jl 2,28-29; Lc 1,35; 4,18; Jo 14–16; 20,22; At 2; 5,3-4; Rm 6,3-4; 1Cor 12–14; Gl 5,13-26; Fl 2,12-13; 1Jo 4,1-6.

• São Basílio Magno, *Sobre o Espírito Santo* (De Spiritu Sancto), especialmente as seções sobre a glorificação e a ação santificadora do Espírito.

• São Gregório Nazianzeno, *Orações Teológicas*, Oração 31 (quinta oração teológica), sobre o Espírito Santo.

• São Cirilo de Jerusalém, *Catequeses*, especialmente as conferências catequéticas sobre o Espírito Santo e as catequeses mistagógicas.

• São Máximo, o Confessor, *Capítulos sobre a Caridade* e textos sobre a vida espiritual e a união com Deus.

• São João Clímaco, *Escada da Ascensão Divina*, especialmente a tradição de humildade e discernimento.

• Tradição de São Serafim de Sarov: *Conversa com Nikolai Motovilov sobre a finalidade da vida cristã*; considerar sua transmissão textual ao empregar citações.

• Credo Niceno-Constantinopolitano (381) e textos litúrgicos bizantinos: orações da Crisma e epiclese da Divina Liturgia de São João Crisóstomo.

IGREJA APOSTÓLICA ORTODOXA DA AMÉRICA

Na fé dos Apóstolos, no amor de Cristo.

www.iaoa.com.br

Material de formação teológica e pastoral — edição de estudo sujeita à revisão eclesiástica.